

Uma dezena de sons

Marcelo Birck comenta dez importantes canções de sua trajetória musical.

Hordas de Demônios

Parceria com Frank Jorge, é a minha favorita do repertório da Graforrêia Xilarmônica. O único registro está na fita demo lançada pela Vórtex (selo dos Replicantes). Começou como uma paródia de heavy metal, mas virou outra coisa. Surgida em um ensaio, foi tomando forma na base da zoação improvisada e sem muito filtro. Com algumas adaptações, está no meu repertório atual.

Amigo Punk

Eu e o Frank começamos a compor no fim de um ensaio, enquanto guardávamos os instrumentos. Era só um esboço, mas ficou ressoando na minha cabeça a ponto de eu seguir trabalhando nela enquanto caminhava do estúdio para casa. No ensaio seguinte, demos a formatação final.

Pagode Acebolado

Música da Aristóteles de Ananias Jr. Não lembro bem do processo, mas provavelmente foi na base da tentativa e erro, a fim de misturar referências por justaposição.

Canibalismo Odara

Também da AAJr., em colaboração com Ricardo Frants e Luciano Zanatta. A música faz uso de um riff em 7/4, com sobreposições de outros compassos durante a música. A letra tem um trecho formado por uma concatenação de gírias, exageradas para parecerem ainda mais

como ninguém. Estimula a mente, faz o cérebro pensar, inspira. Dá vontade de compor.

E foi o que eu fiz. Ouvindo o também homônimo disco Aristóteles de Ananias Jr. (debut e disco único da banda – fora a demo tape que veio antes), fiz um disco inteiro sozinho no meu estúdio caseiro, chamado Claudia Raia da Loucura, que está para sair em 2026. Eu e meus enteados, Caetano (8 anos) e sua irmã Aurora Luz (10 anos), passamos pelo menos uns seis meses cantando Bico de Pato em casa sem parar. Montei uma banda, Lule & As Crianças Adultas, e na nossa estreia no Ocidente, no ano passado, chamamos as crianças ao palco, o Lucas Protti (ex-Superguidis) no sax, e cantamos Bico de Pato em galera. Foi lindo. Tanto que chamei as crianças de novo e gravamos a



Graforrêia Xilarmônica, da esquerda para direita: Carlo Pianta, Frank Jorge, Marcelo Birck e Alexandre Birck

sem sentido. Em alguns momentos, os instrumentos usam escalas discordantes, numa espécie de prolongamento da distorção da sonoridade geral. Colabora para esse efeito um sampler em loop.

Chamas do Inferno

Música que abre o CD dos Atonais, com uma pegada Reginaldo Rossi e guitarras barulhentas. O Leandro Blessmann chegou para mim com parte do refrão, dizendo que a ideia lhe ocorrera num dia em que o ar-condicionado do trabalho pifou. O único trecho da letra dizia “eu vou arder nas chamas do inferno”, e o restante ainda estava só no “lá-lá-lá”. Completei a letra e fiz as estrofes. O Leandro fez o *middle 8* inspirado em Clarice Lispector, que ele estava lendo na época.

Surf Atonal

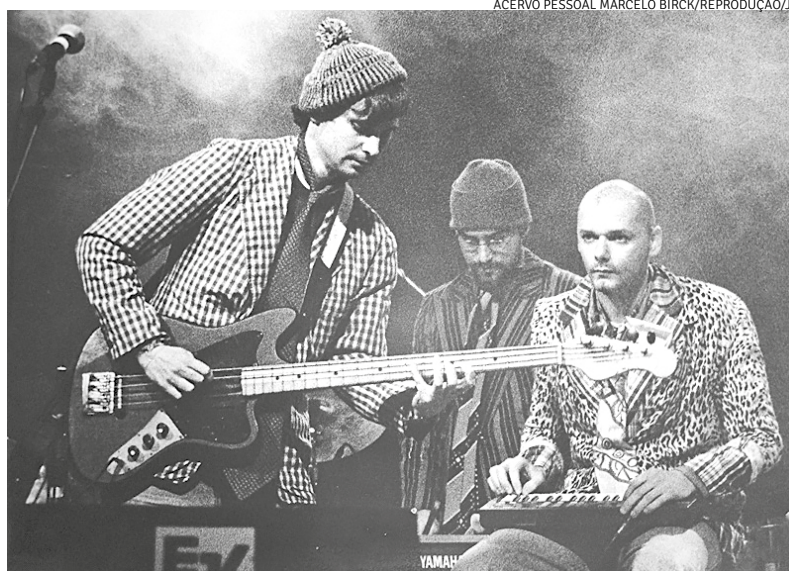
Incluída no meu primeiro disco, é um manifesto que zoa com a própria ideia de manifesto. A música foi montada a partir de um trecho

instrumental gravado no Estúdio Dreher, com vocais adicionados posteriormente. A partir da contração expressa no título, fiz uma costura de citações de músicas da dupla Roberto e Erasmo (com uma referência à Bossa Nova). Todo este disco foi montado em casa, em uma

proposta *lo-fi* baseada no reaproveitamento de gravações.

Tricicloscópio

Um dia, liguei a TV e, por acaso, passava um episódio dos Monkees. Imediatamente criei um riff na esteira do que eu havia acabado



Aristóteles de Ananias Jr.: Marcelo Birck (d), Luciano Zanatta e Ricardo Frantz

de assistir. Na gravação, usei um instrumento cujas cordas eram arames estendidos sobre uma caixa de ressonância em formato de trapézio (segundo Plato Divorak, uma “cítara de Juazeiro”). Como o instrumento não tinha trastes, usei um pequeno pedaço de ferro para pressionar a corda, a qual, por sua vez, eu percutia com uma vareta de madeira. Toda a música saiu deste riff, com uma letra que não se preocupava em fazer sentido.

Ié-Ié-Ié do Oiapoque ao Chuí

Mais uma das canções-manifesto. A versão do primeiro disco é uma junção de várias demos, conectadas por efeitos e montagens que fiz para testar os recursos de edição dos então recentes computadores pessoais. Tive que pensar em muitas soluções para tocá-la ao vivo. Acabou ficando tão peculiar que decidi regravá-la no *Timbres Não Mentem Jamais*.

Fluidez Borbulhante

Também incluída no segundo CD (*Timbres Não Mentem Jamais*). São duas bandas tocando, cada uma em uma tonalidade diferente. A montagem final equilibra as duas interpretações e finaliza com ruídos gerados por pedais de efeito.

Arqueologia Doméstica

Não está em nenhum disco. Foi lançada como trilha de um vídeo editado durante a pandemia, para o qual criei uma roupa de performance e uma instalação, ambos com tralhas reaproveitadas. Além da performance, que remete a seriados de ficção científica, o vídeo faz uso de uma animação a partir de recortes e remontagens de películas de filmes Super-8, 16 e 35 mm.

canção no disco.

As outras canções do meu álbum têm nomes como *Careca Cabaludo*, *Eu Me Teletransportei Até Você*, *BB*, *Dormiu de Calça Jeans*, *Você Está Ficando Louco* e por aí vai. Todas possuem algum tipo de loucura inspirada no trabalho do Birck. *Dormiu de Calça Jeans*, por exemplo, foi mixada em fita cassete e acelerada; *Passar no Zaffari* é uma colagem tipo *musique concrète*; e minhas letras também são sarcásticas e debochadas, fazendo piadas internas com referências a coisas específicas daqui do RS: *Chapecó*, *Xanxerê*, *Erechim*.

Esse humor, o experimentalismo e a vanguarda de Birck são coisas que me parecem estar fazendo falta hoje em dia. Sinto que apenas eu e o Carlinhos Carneiro seguimos nessa onda, erguendo essa tocha, “flying your

freak flag” tipo Hendrix. O Carlinhos, principalmente nas letras. Acredito que a música hoje em dia no Rio Grande do Sul é muito séria. O deboche do Birck eu ouço não só nas letras, mas na desconstrução dos sons, nos recortes e colagens que vão além de toda e qualquer expectativa do ouvinte. Não é música para ouvir casualmente; é feita para uma audição profunda. Cada canção é um statement. Meu Cigarro, Fúlvio Silas II, Freeway... pelo amor de Deus, eu amo demais essas músicas. Palavras não fazem jus para explicar as explosões de curtição na minha mente ao ouvi-las. E não deu nem tempo de falar de *Timbres Não Mentem Jamais*, que fica para um próximo capítulo.”

Discografia

Graforrêia Xilarmônica

- *Com amor muito carinho* (cassete, 1988)

Aristóteles de Ananias Jr

- *Aristóteles de Ananias Jr* (demo cassete, 1993)
- *Aristóteles de Ananias Jr* (CD, 1996)

Os Atonais

- *Em amplitude modulada* (demo CD, 2000)

Solo

- *Marcelo Birck* (2000)
- *Timbres não mentem jamais* (2008)



Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irreduzíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).